



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THAYSE WANZELER PINTO

A AUTONOMIA DE BEBÊS NA CRECHE

BELÉM - PA

2018

THAYSE WANZELER PINTO

A AUTONOMIA DE BEBÊS NA CRECHE

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Professora Orientadora: Prof.^a Dr.^a
Celi da Costa Silva Bahia

BELÉM - PA

2018

THAYSE WANZELER PINTO

A AUTONOMIA DE BEBÊS NA CRECHE

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Faculdade de Educação, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr. Celi da Costa Silva Bahia
(Orientadora - Membro da Banca Examinadora)

Professora Msc. Adelice Sueli Braga Delgado
(Membro da Banca Examinadora)

Professora Msc. Marileia Pereira Trindade
(Membro da Banca Examinadora)

A AUTONOMIA DE BEBÊS NA CRECHE

THAYSE WANZELER PINTO

RESUMO

O presente artigo busca mostrar os estudos e reflexões sobre as contribuições da Abordagem Pikler para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, que favoreçam o desenvolvimento autônomo das crianças pequenas. Essa abordagem está baseada na compreensão do bebê enquanto sujeito social ativo, e na sua atuação em espaços com os materiais e ambientes coletivos, nas interações com os outros e adultos. O texto possui o objetivo de apresentar os princípios que englobam a abordagem e compreender como a autonomia é desenvolvida na abordagem Pikler. Para tanto, recorri a obras de Emmi Pikler, de suas colaboradoras Judith Falk e Anna Tardos, e de estudiosos de Pikler, como Paulo Fochi e Agnês Szanto-Feder. Esse estudo é de caráter bibliográfico. Inicialmente fiz um levantamento de textos que discutem o desenvolvimento da autonomia em bebês, a partir desse estudo e compreensão da abordagem optou-se por aprofundar apenas as ideias de Emmi Pikler, acerca dos princípios da abordagem de modo a compreender como se dá a construção da autonomia em bebês. A pesquisa realizada permitiu concluir o quanto o professor é importante nesse processo de formação e desenvolvimento, e que ele é um sujeito competente que necessita vivenciar a liberdade de movimentos, para isso é essencial que o ambiente coletivo seja organizado para eles terem segurança em seus movimentos, e momentos de cuidados corporais, que são importantes nessa etapa de desenvolvimento da autonomia.

Palavras-chave: Formação docente, práticas docentes, bebês.

ABSTRACT

This article seeks to deepen the studies and reflections on the contributions of the Pikler Approach to the development of pedagogical practices that favor the autonomous development of the young children. This approach is based on the understanding of the baby as an active social subject, and on its role in spaces with the materials and collective environments, in interactions with others and adults. The text aims to know how to work the autonomy of the baby in day care, the light of Emmi Pikler and present the principles that encompass the approach. To do so, I used works by Emmi Pikler, his collaborators Judith Falk and Anna Tardos, and by scholars of Pikler, such as Paulo Fochi and Agnes Szanto-Feder. This study is of bibliographic character. Initially I made a broad leap that discuss the development of autonomy in infants, from this study and understanding the approach was chosen to deepen only the ideas of Emmi Pikler, about the principles of the approach in order to understand how to build the autonomy in babies. The research concluded that the teacher is a great partner in this process of development of the baby, and that he is a competent subject that needs to experience freedom of movement, it is essential that the collective environment is organized for babies to have safety in their movements, and moments of bodily care are important to them in this stage of autonomy development.

Key-words: Teacher training, teaching practices, babies.

INTRODUÇÃO

No decorrer das últimas décadas, presenciamos rápidas e intensas transformações em nossa sociedade, de acordo com Coutinho (2017, p. 42) “com importantes mudanças nas funções e relações dentro da família.” Como resultado, vemos o crescente ingresso da mulher no mercado de trabalho. E uma alternativa de compartilhamento da educação dos seus filhos é a creche, por este motivo a procura por estas instituições, crescem cada vez mais.

Desse modo, a saída da mãe para trabalhar fora de casa associada a um menor auxílio, segundo Conceição (2018, p.23) “tem levado a família a procurar outras bases de apoio ao cuidado e educação dos filhos no ambiente familiar”, as mães recorrem tanto no ambiente doméstico (avós, empregadas, babás), como em instituições (escolinhas e creches). A creche surge como uma alternativa na educação, e vem se traduzindo no crescimento na demanda das famílias por creche.

Portanto, é importante salientar que as creches antes de serem uma necessidade para as famílias, são essenciais para os bebês, de acordo com Rodrigues (2010, p. 8) “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” e combinado a isso, ter um local com professores formados adequadamente, que organizem as possibilidades, e um espaço que ofereça condições, que favoreçam o desenvolvimento da personalidade do bebê para que ele se torne um sujeito ativo, seguro e autônomo. Ao vivenciar a creche o bebê entrará em contato com os outros, aprenderá a se relacionar, desenvolvendo a sua socialização, a comunicação, e terá a possibilidade de explorar um novo espaço. Desse modo a creche não é somente um local para que ele seja alimentado, cuidado, limpo e agasalhado, esta instituição “creche” possui função social, política e pedagógica, sendo essencial para os bebês

Segundo o censo escolar de 2010 (BRASIL, 2011), divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) a educação infantil é a etapa de ensino que obteve o maior crescimento no número de matrículas da educação básica no ano de 2010, correspondente a 9% (169,290 novas matrículas), e, considerando o intervalo de 2002 a 2010 o número de matrículas em creche aumentou 79%.

A depender dos dados, já se sabe que a creche é um direito primeiramente da criança e depois da família, e está garantido constitucionalmente, e é entendida como uma instituição educativa, ou seja, ela possui muito mais que uma dimensão biológica de nutrição-alimentação agregada ao seu papel, pois é, através dessa instituição que possui a finalidade de promover o desenvolvimento cognitivo, fisiológico, físico e integral da criança.

Sendo assim, uma instituição que apresenta especificidades, ou seja, a creche tem uma cultura que lhe é própria, contudo, em geral, nesse espaço, o bebê é visto segundo Oliveira (2003, p. 64) “como se durante o estágio inicial de vida a criança fosse apenas um corpo a ser alimentado, cuidado, limpo, agasalhado”. Quando a creche restringe ou reduz, suas ações ao cuidado do corpo ela, restringe as competências dos bebês apenas a dimensões biológicas.

Como destaca Coutinho (2017 *apud* CONCEIÇÃO, 2015), “tem sido recorrente quando a creche restringe suas ações a tendência de restringir as competências dos bebês apenas a dimensões biológicas”. Essa ênfase em ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas deles aponta para uma perspectiva adultocêntrica, onde “não há lugar para o reconhecimento dos bebês e das crianças pequenas como seres linguareiros, ativos e interativos”, como acentuam Richter; e Barbosa (2010 *apud* FREITAS, 2015).

Em contrapartida, sabe-se que essa instituição situa-se como espaço de diversidade, onde se encontram indivíduos de origens sociais e culturais diferentes, um espaço em que convivem negros e brancos, ricos e pobres, adultos e crianças, meninas e meninos, maiores e menores e que, portanto, deve ser contemplado, não como local de nutrição e higiene do bebê simplesmente, contudo como um local que possui função educativa e que respeita a individualidade de cada bebê, um local que favorece o desenvolvimento integral.

O que significa desenvolvimento integral? Nada mais é do que a formação ou crescimento da personalidade e da inteligência, nesse sentido, destacam-se os estudos da abordagem Lóczy de Emmi Pikler para a compreensão do desenvolvimento da personalidade.

No Instituto Pikler-Lóczy de Budapeste, no contexto específico, onde cuidam de crianças órfãs sociais, atualmente, fundamenta-se a ideia de que de acordo com Suelly (2014, p.22):

“tudo deve ser organizado, planejado, realizado e avaliado com o único objetivo de criar as condições favoráveis ao desenvolvimento harmonioso das

crianças no interior do grupo, superando a situação ainda típica de muitas creches e instituições que acolhem crianças de zero a seis anos em que são tratadas não como sujeitos em processo educativo, mas como objeto de trabalho dos adultos.” (SUELLY p. 22, 2014).

E por ser esse um período importante para o desenvolvimento integral, por ser nessa etapa que o bebê identifica e explora o mundo, e é onde ele mais se desenvolve. Logo nos primeiros anos de vida, ainda na idade infantil, ele consegue importantes conquistas, que refletem os primeiros momentos de sua independência: aprende a andar sozinho, adquire linguagem, desenvolve habilidades motoras e se torna um ser sociável e com autonomia.

Segundo o dicionário Aurélio autonomia é um substantivo feminino que significa aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades e/ou princípios. Esse significado é ampliado segundo Suely Amaral (2014 *apud* FALK p. 19, 2010.), que diz “[...] convém destacar, no entanto, que a autonomia não é um fim em si mesma. Só adquire um autêntico valor se implica na alegria do 'eu faço sozinho', apenas se essa independência constitui um privilégio a que a criança dá uma grande importância” A autonomia não está somente relacionada à habilidade de fazer as coisas por si, mas também está diretamente ligada ao desenvolvimento da personalidade e inteligência, o que possibilita que façam suas próprias escolhas, tomem decisões e busquem seus sonhos e desejos.

Sabe-se que nesse período de construção da autonomia e desenvolvimento tudo é inédito para eles e algumas vezes, isso é encarado como um grande desafio. Por ser nesse período fundamental a interação adulto/criança, sendo através dessa reciprocidade que possibilitamos o ingresso no mundo cultural construído pelos homens, e essa troca deve estar pautada na confiança, construção de vínculos e segurança, fazendo com que seja natural o desenvolvimento da autonomia do bebê. Visto que a forma com que o adulto reage aos comportamentos da criança tem relação direta com a composição da sua autoconfiança. É importante encorajar o bebê a realizar pequenas ações individuais e encorajá-lo a socializar-se com os outros. Durante a rotina de cuidados é imprescindível explicar ao bebê todas as ações e valorizar quando ele expuser suas preferências.

Diante do cenário da creche e berçário, em que eu vivenciei durante o estágio obrigatório da Universidade Federal do Pará, na faculdade de Pedagogia, é que se deu a escolha do tema para a realização deste trabalho. Para tanto, este trabalho aborda o tema a autonomia de bebês na creche e foca especialmente na

abordagem Pikler e como ela pode auxiliar o desenvolvimento da autonomia dos bebês dentro das creches.

O mesmo foi escolhido devido ao interesse que surgiu a partir do estágio realizado numa creche de educação infantil, como parte da exigência para a conclusão do curso de Pedagogia.

Tendo como base essas contribuições teóricas e de pesquisas bibliográficas, este artigo tem como objetivo geral analisar o processo da construção da autonomia dos bebês na creche, e o modo como é trabalhada a autonomia dos mesmos de acordo com a abordagem Pikler-Lóczy. Tendo como objetivo discutir sobre esse processo a luz de Emmi Pikler.

As ideias acima são apresentadas de modo mais detalhado no próximo tópico e para abordar essa temática apresentei os princípios teóricos da abordagem Lóczy fazendo uma leve discussão de como eles se articulam com o desenvolvimento da autonomia do bebê.

O desenvolvimento do bebê

Os estudos da abordagem Pikler foi construído e baseado nas pesquisas e no trabalho realizado no Instituto Loczy, pela pediatra Emmi Pikler. Segundo Tardos (2011, p.3) “O instituto Loczy foi fundado por Emmi Pikler, que nasceu em Viena, formou-se em medicina e licenciou-se em pediatria pelo Hospital Universitário de Viena”. Logo após a segunda guerra mundial, em virtude da quantidade de crianças que ficaram órfãs de guerra, o governo de Budapeste pediu para que Pikler criasse um programa que acolhesse e auxiliasse no cuidado dessas crianças e lhe cedeu uma grande casa, onde ela iniciou um trabalho de cuidado com essas crianças durante 24 horas por dia.

Ao chegar ao local a pediatra se espantou com a ausência de infraestrutura e com a debilidade do local, assim como a conduta dos adultos responsáveis por cuidar das crianças que ali habitavam, trabalhou no Instituto Loczy no período compreendido de 1940, ano de fundação do instituto, até 1984, ano da morte de Pikler. Nesse ambiente ela pesquisou e desenvolveu a sua proposta de cuidado de bebês.

Conforme, a abordagem de Pikler se apoia na compreensão e crença de que a criança possui a capacidade de atuar sobre o meio em que vive, de colaborar na hora dos cuidados, colocando-a como parceira do cuidador. Assim, conhecê-la, perceber

as situações ou os gestos que lhe dão prazer ou a deixa mais confortável nos momentos de cuidado, envolver-se em diálogo, o que implica alto nível de comprometimento, de conhecimento e desenvolvimento profissional. Suas ideias desafiam a profissional a desenvolver uma observação sensível e atenta sobre quem é e o que faz a criança, reconhecendo que cada gesto do adulto a toca profundamente.

Pikler cuida dos detalhes, pensa sobre todas as atitudes de cuidado, desde a maneira com que se segura o bebê, até na forma com que o alimento é entregue. Lembrando sempre da necessidade de demonstrar gestos cuidadosos, amorosos, calmos e com paciência para lidar com quem cuida do bebê. Exigindo assim, o treinamento intensivo aos cuidadores, assistência a eles, ênfase na observação, manutenção de registros e pesquisa, bem como meios específicos, como cada detalhe deve ser executado para resultar na eficácia do cuidado ao bebê.

De acordo com essa compreensão, Anna Tardos destaca que existem meios de cuidar do bebê como: “[...] um encontro real, onde a criança não é apenas o objeto de tudo aquilo que acontece com ela” (TARDOS, 2011. p.1). É necessário que o contato com o bebê seja único para ele, prepará-lo para o que irá suceder, manter seus olhos combinados ao dele ao chamar a sua atenção, são alguns exemplos do que essa abordagem assegura para o bebê.

Como explica Fochi (2015), a experiência de Pikler revela um profundo respeito pelo bebê e as suas necessidades, por isso é necessário compreender os gestos dele, pois ele acaba mostrando pistas importantes para o outro, em especial ao adulto.

Emmi Pikler apresentava a existência de um paradoxo entre a potência e a impotência dos bebês, em outras palavras, afirma que de um lado os meninos e meninas são ativos e suficientes para selecionar as suas próprias atuações, mas, por outro lado também necessitam do “outro”, do acompanhamento de um adulto que cria contextos para que o bebê possa atuar de forma autônoma. (FOCHI, 2015).

A abordagem de Emmi Pikler se sustenta na concepção do bebê enquanto sujeito social que é ativo e dispõe de potencial, é ele quem precisa atuar nos espaços, com os materiais, nas interações com os outros e adultos, e tudo isso a partir do seu desejo. Ela não acreditava que o modelo de intervenção direta pudesse agilizar o desenvolvimento do bebê e pensava que, “[...] caso acelerasse, não representaria nenhuma vantagem para a sua vida nem para o seu desenvolvimento” (FALK, 2011, p.19).

Nesta perspectiva, essa abordagem trabalha com o tempo presente do bebê, com a rotina de cuidados, sem a preocupação de estimular, ou de antecipar suas descobertas e vivências. Os pressupostos demandados por Emmi Pikler afirmam que a criança é um ser único, singular e que por esses motivos necessita de cuidados. Um bebê é uma pessoa, e é preciso percebê-la como uma pessoa com necessidades, expectativas e sentimentos. Um dos princípios desenvolvidos pela autora trata sobre as práticas de atenção pessoal, que envolve um modo específico para cuidar e atender os bebês.

Em Lóczy, a cuidadora é orientada a repetir cada gesto intencionalmente nesses três momentos do dia: higiene, alimentação, e sono. Não sendo a quantidade dedicada ao bebê que determina a rotina, mas o envolvimento do cuidador com o bebê em cada uma dessas ações.

Em sua abordagem Pikler preconiza a humanização do atendimento aos bebês, no qual é a voz que toca, a mão que pergunta, o tempo que não se encerra e trata com calma, numa conexão sensível entre o cuidador e bebê. Em outras palavras, Falk (2014 *apud* FREITAS, 2015) afirma que:

Uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; o valor da atividade autônoma da criança como motor do seu próprio conhecimento; a regularidade nos fatos, nos espaços e no tempo como base do conhecimento de si próprio e do entorno; a dimensão extraordinária da linguagem como meio de comunicação pessoal; a compreensão inteligente das necessidades da criança e muito mais (FALK, 2014, p. 16).

E por esse motivo Pikler, ao fundar o instituto Loczy, treinou cuidadores (chamados de enfermeiros, apesar de não possuírem conhecimentos médicos) para que tivessem essa relação sensível com eles, e para que não interrompessem a liberdade de movimento dos mesmos. Ela fez pesquisas durante um bom tempo, a respeito do conceito de liberdade de movimento, que consiste basicamente em construir um ambiente seguro e estável para o bebê, durante os anos de 1930, com as famílias para as quais trabalhava como pediatra.

Anna Tardos, psicóloga e filha de Pikler, deu continuidade as suas pesquisas e ao Instituto, após a morte da mãe, que continua sob a sua direção, porém, agora com o cuidado de crianças não mais órfãs de guerra, mas órfãs sociais. A partir das pesquisas e trabalhos de Emmi Pikler no Instituto Lóczy, foram construídos três princípios para a sua abordagem de cuidado dos bebês em espaços coletivos, que são: atenção pessoal ou segurança afetiva, liberdade de movimentos ou atividade

autônoma, brincadeira livre, que serão aprofundados ao longo do artigo. Esses princípios estão dialeticamente articulados, pois um princípio influencia no outro. De modo que, a segurança afetiva do bebê com o seu cuidador permite a ele a liberdade de movimentos e que por sua vez facilita o desenvolvimento das habilidades motoras finas, possibilitando o momento do bebê de brincadeira livre.

Atenção pessoal ou segurança afetiva

A atenção pessoal ou segurança afetiva, segundo Emmi Pikler, trabalha um modo de cuidar e atender as crianças pequenas, o que possibilita o estabelecimento de vínculos fortes entre os bebês e os seus cuidadores. Ao fornecer os cuidados aos bebês, o cuidador oferece respostas às necessidades individuais de cada criança, tornando a interação na forma de cuidado mais significativa, íntima e profunda para ambos, o que faz o momento do cuidado ser mais satisfatório entre eles.

Segundo FALK (2011, p. 28), para o cuidador possibilitar o princípio da segurança afetiva ao bebê é necessário:

“A valorização positiva da atividade autônoma da criança, baseada em suas próprias iniciativas; O valor das relações pessoais estáveis da criança – e dentre estas, o valor de sua relação com uma pessoa em especial – é da forma e do conteúdo especial nessa relação; Uma aspiração constante ao fato de que cada criança, tendo uma imagem positiva de si mesma, e segundo seu grau de desenvolvimento, aprenda a conhecer sua situação, seu entorno social e material, os acontecimentos que a afetam, o presente e o futuro próximo ou distante; O encorajamento e a manutenção da saúde física da criança, fato que não só é base dos princípios precedentes como também é um resultado da aplicação adequada desses princípios”.

É preciso compreender que o bebê possui necessidades e assim possibilitar a ele atividades de atenção pessoal que são as atividades rotineiras, relacionadas aos cuidados de higiene do bebê, o comer, descansar e brincar. Como o próprio nome já diz, cuidados pessoais dos bebês, porque é neste momento a importância para eles, pois possibilita a aprendizagem para estes que estão chegando ao mundo.

Sendo nesse momento, de atenção pessoal, de relação entre o cuidador e o bebê que ambos se nutrem ativamente, contribuindo para a construção de um ambiente saudável, seguro e estável que permite ao bebê, explorar o ambiente que o rodeia e consequentemente desenvolver a liberdade de movimento.

Pikler destaca que é necessário ter o cuidado na hora das atividades, no momento de trocar o bebê, dar o alimento, ela chama a atenção para os gestos do cuidador, e afirma que precisam ser gestos cuidadosos e amorosos, de calma e paciência, para quem lida com ele. De acordo com Tardos, “a mão do adulto é para a criança uma fonte importante de experiência”. Tardos (1992, *apud* OLIVEIRA et al. 2003, p. 64). Logo, a forma como o adulto toca no bebê comunica a ele enviando mensagens, e essas mensagens são fontes de experiência, no qual, o toque no bebê é uma maneira de diálogo, entre o adulto e o mesmo.

É fundamental que esse diálogo seja amoroso e amigável, pois é através dele que o bebê adquire o sentimento de segurança que é a base de sua personalidade. Desde o início de sua vida, o bebê vive a “experiência da competência”, vive o reconhecimento progressivo do seu eu, descobre o seu redor, vivencia experiências, ele adquire uma certa consciência de que seus sinais são compreendidos, de que pode reagir pelas suas reações. Por isso a necessidade de atenção para estes momentos. E todo esse processo de cuidado faz com o que bebê crie a segurança afetiva no seu cuidador.

E por isso a segurança afetiva vai se construindo na qualidade do vínculo de apego que ocorrem repetidamente e cotidianamente. Nessa abordagem o que se prioriza não é a quantidade do tempo dedicado à criança, mas sim a qualidade e o envolvimento em cada uma dessas ações realizadas diariamente com cada bebê. Sendo o diálogo com o bebê essencial nesse envolvimento, e só se instaura se o bebê estiver habituado a essa atenção e aos gestos, que são gestos de questionamentos e indicações de ações, palavras dirigidas a ele.

Adquirindo através dessa interação o sentimento de cooperação com o seu cuidador, caso ocorra continuamente, por isso a necessidade de rotina é importante para o bebê. É indispensável que na vivência coletiva o bebê entenda o que está ocorrendo, e estabeleça relação com as atividades desenvolvidas, de modo que ele possa ir progressivamente podendo executá-la sozinho.

Conforme Fochi destaca que é necessário observar três elementos importantes:

“enquanto for necessário que o adulto auxilie a criança na alimentação, deverá anunciar as suas ações de modo a antecipar para a criança o que está por acontecer. Também (ii) é importante que um adulto se torne referência para um pequeno grupo de criança, de forma, a criar códigos reconhecíveis pelos meninos e meninas dos momentos que estão por vir

e, (iii) respeitar o ritmo de cada criança sem antecipar etapas. (FOCHI, Paulo et al., p. 41. 2017).”

A partir desses fundamentos, constrói-se então uma verdadeira relação pessoal, tornando o cuidar, um momento ímpar, íntimo e cheio de comunicação. Quando o bebê é abordado com uma atitude de respeito, o cuidador insinua a ele a sua intenção e dá a ele a chance de responder. Este cuidador precisa perceber que o bebê é competente e o envolver em seu cuidado, deixando-o na medida do possível, resolver os seus problemas, dando a ele a plena liberdade física e não o força a qualquer desenvolvimento.

Desse modo, Pikler diz que “não se pode prometer mais do que se pode dar, mas o que dá deve ser estável e seguro”. Assim, se faz necessária a rotina e a segurança afetiva transpassada ao bebê, para que assim ele se desenvolva.

Atividade autônoma ou liberdade de movimentos

Entende-se por atividade autônoma toda e qualquer atuação, ação livre e espontânea “[...] escolhida e realizada pela criança – atividade originada de seu próprio desejo” (TARDOS; SZANTO- FEDER, 2011, p.52).

Podemos iniciar com o que possivelmente se trata do ponto de vista mais incomum perante as outras abordagens – liberdade de movimento ou atividade autônoma. A liberdade de movimento aos olhos de Emmi Pikler significa que os bebês jamais são posicionados de modo que eles não possam se dedicar a si mesmos. Eles nunca são escorados numa posição na qual fiquem sentados ou segurados de modo a ficarem de pé. Eles não são colocados em dispositivos restritivos, como cadeirinhas, chiqueirinhos, saltadores, andadores. Nesta abordagem, eles são posicionados de barriga para cima, acordados ou dormindo, até que possam ter a capacidade de rolar por si só. O princípio mais importante da abordagem é: nenhuma interferência de adultos nos movimentos dos bebês.

Para eles, a liberdade de movimentos quer dizer a “possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de experimentar, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos”. (TARDOS; SZANTO FEDER, 2011, p.48).

Portanto, o adulto necessita produzir as condições para o bebê realizar suas descobertas. Ele possibilita a sua presença, dando segurança e tranquilidade para o

bebê, permanecendo no campo de visão para que ele se sinta seguro e tenha a tranquilidade para ter suas próprias experiências e conquistas, além de encorajá-lo ao movimento livre, de forma autônoma, sem intervenção bruta.

Para que a criança possa aproveitar esses momentos de atividades espontâneas e livres é importante que ela tenha momentos de cuidados corporais. São nesses momentos de encontro com o adulto, que é como se o bebê recebesse um aleitamento relacional, que lhe dá o sentimento de segurança e confiança para seguir a diante nos momentos em que precisará sem o cuidador por perto.

Logo, para que o bebê tenha segurança em si mesmo, o professor que está ao seu redor também precisa ter confiança em sua capacidade, estar acessível para que o bebê possa encontrar as possibilidades de seu corpo e os meios para alcançar seus desejos. Neste sentido, a construção da autonomia do bebê independe do cuidador.

Ao observar o bebê, o professor consegue listar as atividades que mais lhe agradam e as posições corporais que mais realiza durante o dia. Esse olhar atento e sensível se torna importante para que se reconheçam as potencialidades do bebê e a consciência das atividades que a criança pequena ainda não consegue realizar sozinha.

Não se trata, pois, da autonomia muitas vezes anunciada que requer que, mesmo antes do tempo, a criança pequena se responsabilize por cuidados de seu corpo que ajudariam os adultos, mas não são captadas pela criança como conquistas. Ao contrário, a “pseudoautonomia”, conforme denominação de Emmi Pikler (1969), acaba tendo a consequência do abandono e pode proporcionar muito mais a insegurança e o mal-estar nas crianças.

É necessário pensar também no ambiente para o bebê, tornar ele um ambiente propício para o bebê experimentar. A abordagem defende que ele é preparado para perceber seu corpo em relação ao contexto que está inserido. Sendo assim irá deparar com uma postura adequada ao seu ponto de equilíbrio para poder ajustar-se nas mudanças de posições do seu corpo.

“Quando o espaço é pensado para a criança, ela constrói repertórios motores que se lembrará mais tarde e de acordo com a sua maturidade, não necessitando de intervenção direta e nem de estímulo, pois o próprio meio a estimula. Ao organizar esses espaços, o cuidador está ofertando uma variedade aprendizados e conquistas para essa criança. Deixando ela desenvolver por si só sua autonomia.” (FOCHI, Paulo et al., p. 40. 2017).

Desse modo, essa abordagem está “apoiada em princípios que valorizam a atividade autônoma da criança, a relação afetiva favorecida, a consciência de si mesma e do seu entorno, além de um bom estado de saúde física e de bem estar corporal do bebê [...]” (FREITAS, p. 4, 2012). E defende que é necessário se importar com as primeiras experiências de vida do bebê, que ocorre durante os cuidados cotidianos, e com o ambiente em que o mesmo está inserido.

A motricidade livre nos bebês presente em Lóczy possibilita a elas o desenvolvimento de uma consciência e uma postura corporal autônoma que irá garantir a ele movimentos harmônicos e seguros. A motricidade como consequência da atividade livre é sempre determinada pelo interesse dos bebês e, por sua vez, encorajada por um ambiente rico de oportunidades de interação, seja entre crianças e professores, crianças e crianças e crianças e objetos.

Brincadeira livre

O brincar faz parte da necessidade humana, são nesses momentos que os bebês estão erguendo as bases para a sua futura aprendizagem. Desde pequenos ao brincar, vamos aprendendo e conhecendo noções do nosso corpo, suas funções, a nos orientarmos nos espaços e no tempo e estabelecermos relações com os outros. “O primeiro brinquedo do bebê é o corpo do adulto que cuida dele” Goldenschimied; Jackson (2006 *apud* FOCHI *et al.*, 2017), seja ele seu pai, sua mãe ou o cuidador. “O descobrimento, primeiro, e a utilização depois, de suas próprias mãos como objeto de exploração e de brincar, constitui um rito fundamental no desenvolvimento infantil” (CHOKLER, 2014 *apud* FOCHI *et al.*, 2017).

As interações e a rotina do bebê como o mamar, o buscar incessante de suas mãos por algum artefato que o cuidador carrega, todas essas interações e experimentações representam maneiras iniciais que o bebê tem de brincar. Até a mão faz parte do brincar do bebê, quando ele observa sua mão, aperta com força o dedo do cuidador, quando ele dedica seu tempo a sua mão, ele está brincado sozinho.

Emmi Pikler esclarece que ao invés de pendurar objetos sobre os rostos dos bebês, é muito mais interessante para ele manipular um objeto, sentir seu toque, movimentá-lo, observar seus lados. Dessa forma o bebê aprende todas as suas propriedades, sente a consistência do objeto, e aprende com essa interação. Os

adultos precisam assentir que os bebês possam ter momentos em que brinquem sozinhos, onde possam aprender a partir de suas próprias experiências.

É interessante criar desafios para que os bebês brinquem livremente, como rampas e obstáculos, água e objetos como pedras, bastões, lenços, vasilhames, assim como bolas, pequenos recipientes, mesas baixinhas que servem de obstáculos, pequenas escadas, tecidos e objetos variados na área interna possibilitam à criança experimentar novas situações e estimulam sua atividade em todos os espaços da creche desde bem pequeninhas. Segundo David e Appell (2012, p. 62), “aos dois meses e meio, quando já começam a adquirir um certo controle sobre suas posturas e sua motricidade manual, provam a experiência do parque”.

Ao cuidador compete criar esses ambientes que possibilitem ao bebê condições para que ele tenha a iniciativa própria e a brincadeira se realize, mantendo sempre uma observação atenta para o bebê, e não ensinar os movimentos para os bebês, sendo necessário, possibilitar um ambiente que proporcione a descoberta e a autonomia dele. A atividade autônoma ou liberdade de movimento para o bebê está intrínseca com a brincadeira.

Iniciativa própria é uma expressão chave utilizada na abordagem de Emmi Pikler que explica que os cuidadores não são postos para entreter bebês e nem estimulá-los. Os bebês possuem a capacidade de se entreter e estimular a si próprios, explorando o que seus corpos podem fazer, explorando o seu redor, ou os outros bebês. Sendo assim as brincadeiras espontâneas, criadas pelos bebês, são de extrema importância para eles.

Sendo isso diferente de uma atividade em grupo em que se observa que um bebê inquieto está entediado e se propõe a dar a ele entretenimento, seja com um brinquedo ou com algum tipo de atividade. Os bebês do Instituto Pikler possuem uma abundância de atividades, mas a maioria cria seus momentos por conta própria com os materiais que são disponibilizados a eles.

Os cuidadores precisam ter uma interação mínima durante as brincadeiras espontâneas dos bebês e é necessária porque de acordo com Anna Tardos:

A interação do adulto durante a brincadeira jamais terá a mesma continuidade, o que impede a característica da previsibilidade. Crianças não apenas se sentem seguras quando elas podem prever o que vai acontecer como também passam a antecipar o próximo movimento dos enfermeiros, podendo assim cooperar com eles. Rotinas de cuidados feitas desse modo particular são o que permite que a criança desenvolva uma autoestima saudável. Ela sabe o que acontecerá; ela tem um senso de ordem na sua rotina.

Em relação à brincadeira livre dos bebês, os adultos nunca os colocam em uma posição em que eles não sejam capazes autonomamente de alcançar a saída dela, da qual não sejam capazes de se mover com autonomia.

Dessa forma a mediação do adulto é fundamental para inserir o bebê nas relações humanas e objetos que estão ao seu redor, ele irá criar os contextos para a sua atividade autônoma, fazendo o bebê o processo do seu desenvolvimento, e para que todos esses princípios sejam possibilitados aos bebês, de acordo com Pikler, é essencial dar total atenção a formação continuada dos professores, entre outras coisas, eles precisam compreender que:

- a) Que cada criança precisa de cuidado contínuo de um adulto de modo que este cuidado seja pessoal e consistente. Isso significa que os cuidadores devem ficar com o mesmo grupo de crianças no decorrer do tempo;
- b) A ver cada criança como componente de acordo com o seu estágio de desenvolvimento. Os enfermeiros nunca pedem às crianças que façam mais do que elas já podem fazer;
- c) A dar escolhas simples desde a mais tenra idade. Por exemplo, um cuidador mostra a uma criança de oito meses dois pijamas e aguarda para ver a qual ela aponta;
- d) A tocar as crianças suavemente. O toque suave e bondoso de um enfermeiro diz à criança que ela é importante e que está segura. Essas mãos então se tornam algo em que pode se apoiar e pode afetar uma criança de maneira positiva;
- e) A permitir que cada criança experimente atividades de iniciativa própria que ela aprecie;
- f) A permitir que as crianças brinquem de forma ininterrupta. Os enfermeiros estão à disposição para quando as crianças precisarem deles, pois elas não podem se sentir abandonadas sob quaisquer circunstâncias. Se um cuidador num momento particular não puder tomar conta de uma criança porque está no banho, comendo ou trocando a fralda de uma outra criança, ele assegurará com seu tom de voz suave que escuta, e que estará com ela assim que tiver concluído a outra atividade. (TARDOS, 2011).

No Instituto Loczy, aos cuidadores é passado toda a formação continuada, e então eles passam a assumir o controle das situações. Seus sentimentos pelos bebês são um laço genuíno, para fortalecer à medida que o bebê e o adulto se tornam parceiros. A ideia da abordagem é dar às crianças um relacionamento especial, que permita ao bebê criar facilmente novos laços com o adulto que passará a cuidar dela e encaminhará a sua rotina, visto que o bebê confia no seu cuidador.

A partir dessas reflexões podemos analisar que a abordagem nos mostra que devemos ter um profundo respeito pelo bebê, sendo ele um sujeito de ação, um sujeito capaz, que realiza atividades a partir do seu próprio desejo. Perceber tais aspectos nos ajuda a refletir sobre a organização dos espaços, condições e cuidados específicos oferecidos a ele, materiais disponibilizados e do tempo disposto a eles, tudo isso para que ele possa contemplar a sua atividade autônoma e o seu brincar livre para ir progressivamente adquirindo autonomia, favorecendo assim suas aquisições e aprendizagem a partir dos seus próprios erros e acertos.

A abordagem Pikler é baseada no respeito dos movimentos da criança e uma atitude não intervencionista do adulto, para poder permitir a possibilidade de que a criança tenha um desenvolvimento autônomo.

Essa abordagem rompe com a concepção de um bebê incapaz tal como costuma ser tratado nas escolas de educação infantil – situação denunciada por pesquisadores contemporâneos como (SOUZA, 2007; CRUZ, 2008) e nem totalmente dependente do adulto e traz colaborações que permitem compreender a importância das interações e o papel do adulto nessa relação.

Encaminhar o trabalho docente no primeiro ano de vida e na primeira infância pela percepção das possibilidades é primordial para a produção de uma educação promotora de desenvolvimento, pois quando dirigidas pelo senso comum, as práticas docentes não consideram o desenvolvimento efetivo das crianças pequenas por compreendê-lo como inexistente (TIZARD; LEZINE apud FALK, 2010). Essa atitude de subestimar os bebês, acaba por gerar uma prática docente pobre, de forma que produz a incapacidade, preestabelecida.

Inferimos que para adotar essa postura durante o desenvolvimento das práticas de cuidado cotidianas não é nada fácil para os professores. Ela implica assumir uma concepção de bebê capaz, ativo, competente para eleger suas próprias atuações, e com potencial, tal como defendia Emmi Pikler.

Nós, enquanto educadores, devemos ter consciência de que estamos cuidando, educando e formando um ser em pleno desenvolvimento de suas capacidades físicas e mentais e, além dos atos de higienização, devemos proporcionar a ele o acesso à cultura e aos conhecimentos sistematizados, o que deve ser o principal objetivo das instituições de Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de fundamentação teórica sobre a educação dos bebês nos faz entender que a educação passa por diversas transformações. Vivemos em contextos culturais e históricos em constante transformação. Onde as maneiras de pensar o que é o bebê e a criança, estão se modificando.

Quanto à legislação brasileira, a educação dos bebês em espaços coletivos, está sendo vista como uma aplicação que se faz necessária, sendo obrigatório e essencial para os pais e bebês, visto que, é um importante momento, no qual o bebê está vivenciando descobertas do mundo que está ao seu redor, e está em momento de desenvolvimento integral.

A partir do estudo da abordagem percebe-se o quão importante é necessário trabalhar o desenvolvimento integral para possibilitar assim a autonomia do bebê, vale lembrar que essa começa a ser desenvolvida desde os primeiros dias, seja por meio da construção dos vínculos, mãe e bebê ou professora e bebê, bem como o movimento livre, que para Pikler é fundamental deixar o bebê livre, em um ambiente organizado para ele, onde terá a possibilidade de movimentar-se da maneira que preferir.

Apesar de aparentemente ser um processo simples, é um momento complexo, uma vez que é preciso desmistificar a compreensão do que é autonomia, e o sentido de se trabalhar a construção da autonomia, pois costumeiramente as pessoas entendem-na como a capacidade de fazer sozinho, entretanto a abordagem nos faz entender que a razão de trabalhar a autonomia com o bebê está para além do fazer sozinho, é a formação da personalidade do ser em questão.

Portanto, percebemos durante o decorrer da pesquisa, que o desenvolvimento dos bebês e a sua capacidade de conhecer e aprender se constrói por meio do corpo, com as coisas do ambiente em que vivem, através das interações que estabelecem com outras crianças e adultos. Que os bebês são seres dotados de potencial, sendo necessário a troca de segurança e afeto entre o bebê e o seu cuidador. Considerar ainda que a educação, o cuidado, o brincar, e acima de tudo uma educação humanizada precisa permear as instituições de educação coletiva de bebês

E é a partir dos pressupostos de Emmi Pikler que se pode verificar que é papel da educação infantil promover esse desenvolvimento, com uma educação humanizadora, que respeite a criança como um sujeito ativo de seu processo de

desenvolvimento, e que entenda a infância como uma etapa de grande importância para esse processo, por ser o momento onde ocorre o início da maioria das qualidades humanas e não como momento de preparo para a vida adulta. Essa abordagem contribui para a formação e para as práticas de profissionais de educação infantil, especialmente daqueles que se dedicam ao cuidado e educação das crianças até os três anos de idade.

A partir dessa reflexão entende-se quão necessário é a formação dos professores para atuar nas creches, é essencial um professor comprometido com a transformação social, que deverá organizar intencionalmente o ambiente, desejando à promoção das máximas qualidades humanas nos bebês o que constitui uma construção intra e interpessoal.

No Instituto Pikler – Lóczy é possível perceber que princípios como o respeito ao ritmo individual de cada criança, a antecipação das ações por meio da comunicação e a promoção da autonomia por meio do movimento livre se efetivam nas práticas cotidianas das ações planejadas intencionalmente e sistematizadas pelas cuidadoras do Instituto.

Assim, para que esses princípios se efetivem se faz necessária uma melhor capacitação dos profissionais docentes para atuarem com bebês e crianças pequenas. É preciso que o nosso foco, como professores, esteja no processo, e não no produto, uma vez que as aprendizagens não se esgotam em um momento de interação, elas continuam acontecendo e se completando.

Portanto, é preciso ter a consciência de que a primeira infância é um ciclo de potencialidades. Compreender e aceitar o bebê como ser ativo, produtor de cultura e cada vez mais competente e autônomo para lidar com as coisas ao seu redor, para fundamentar, e buscar práticas que estão para além do cuidar e educar.

Buscar práticas que concretizem esse cuidado e educação numa perspectiva humanizada de educação para com os bebês. Logo a abordagem de Emmi Pikler, aponta caminhos e fundamentos para uma educação que respeite grandemente eles e encorajem a sua liberdade. Sem dúvida, nossos bebês, merecem novos olhares e práticas educativas de qualidade.

REFERÊNCIAS

BROOKER, Liz; WOODHEAD, Martin. **La primeira infância em perspectiva 9: derecho al juego**. Reino Unido: The Open University, 2013.

Censo da educação básica: 2011 – resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2011.pdf>. Acesso em: 15/ 08/ 2018.

CONCEIÇÃO, Caroline M. Cortelini e FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje.** UFSC – Florianópolis. 2015. Disponível em:<<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-4212.pdf>>. Acesso em: 20/ 09/ 2018.

COUTINHO, Angela Scalabrin. **A EXPERIÊNCIA DE SER BEBÊ NA CRECHE: O ATOR SOCIAL E A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA.** Universidade Federal do Paraná. Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 1 - 2017.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Fala menino! **O cotidiano da creche comunitária na perspectiva da criança.** In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (Org). A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.p. 298-300.

FALK, Judit. Lóczy, **educación infantil.** 2. ed. Barcelona: Octaedro- Rosa Sensat, 2010.

FALK, Judit (org) **Educar os três primeiros anos:** a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.

FOCHI, Paulo Sergio *et al.* **A pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de Loczy.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Guarulhos. 2017.

FOCHI, Paulo. **Afinal o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015b.

FREITAS, Anita Viudes C.; PELIZON, Maria Helena. **As contribuições da experiência de Lóczy para a formação do professor de educação infantil.** São Paulo, 2012.

FREITAS, Anita Viudes Carrasco de. **A atenção pessoal aos bebês e às crianças bem pequenas nos Centros de Educação Infantil:** contribuições da Abordagem Emmi Pikler. São Paulo. 2015.

MELLO, Suely. **Abordagem Pikler-Loczy e a perspectiva histórico-cultural:** a criança pequeninha como sujeito nas relações. v. 32, n. 3, p. 879 - 900, set./dez. 2014.

SCHMITT, Rosinete V. **O encontro com bebês e entre bebês: uma análise do entrelaçamento das relações.** ROCHA, Eloísa A. C.; KRAMER, Sonia (orgs). Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2011, p. 17- 33.

SOUZA, Maria Cecília Braz Ribeiro de. **A concepção de criança para o enfoque histórico-cultural.** 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, 2007.

TARDOS, Anna. SZANTO-FEDER, Agnes. O que é autonomia na primeira infância. In. FALK, Judit (org) **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóckzy. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.